



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS DE LARANJEIRAS DO SUL  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**JESSICA ROCHA TINELLI**

**Análise dos Estágios de Ciclo de Vida das Cooperativas de crédito no Brasil:  
um estudo com base em variáveis de eficiência**

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2017**



**JESSICA ROCHA TINELLI**

**Análise dos Estágios de Ciclo de Vida das Cooperativas de crédito no Brasil:  
um estudo com base em variáveis de eficiência**

**Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de bacharel em  
Ciências Econômicas da Universidade  
Federal da Fronteira Sul.**

**Orientador: Prof. Dr. Antonio Maria da  
Silva Carpes**

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2017**

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA OBRA

### PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

TINELLI, JESSICA ROCHA

Análise dos Estágios de Ciclo de Vida das Cooperativas de crédito no Brasil: um estudo com base em variáveis de eficiência/ JESSICA ROCHA TINELLI. -- 2017. 60 f.

Orientador: ANTONIO MARIA CARPES.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de CIÊNCIAS ECONÔMICAS , , 2017.

1. Análise dos Estágios de Ciclo de Vida das Cooperativas de crédito no Brasil: um estudo com base em variáveis de eficiência. I. CARPES, ANTONIO MARIA, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Serviço Público Federal  
 Universidade Federal da Fronteira Sul  
 Curso de graduação em Ciências Econômicas

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DO  
 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Ministério da Educação  
 Universidade Federal da  
 Fronteira Sul

Reitoria  
 Avenida Getúlio Vargas, 609  
 Edifício Engemed, 2º Andar  
 Chapecó - Santa Catarina  
 Brasil - CEP 89.812-000  
 (49)2049-1400

www.uffs.edu.br  
 contato@uffs.edu.br

Campus Laranjeiras do Sul  
 Rua Oscar Pereira Guedes, 01  
 Vila Alberti - Laranjeiras do Sul  
 - Paraná - CEP 85303-820  
 (42) 3635-8650

Aos 3 dias do mês de Junho de 2014, às 19:00 horas, em sessão pública na sala 404 do Campus Laranjeiras do Sul da UFFS, na presença da Banca Examinadora presidida pelo(a) Professor(a)

Orientador(a):

Antonio Camps

e composta pelos Professores(as) Examinadores(as):

1. Marcelo St. Júnior e
2. Paulo Alexandre Neres,

o(a) aluno(a) Jessico Tinelli:

apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Análise nos  
ensaios de ciclo de vida em Cooperativas de  
Crédito no Brasil: um estudo com base em casos  
de sucesso.

como requisito curricular indispensável para a integralização do Curso de Bacharelado em Ciências Econômicas. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela Aprovação do referido trabalho, divulgando o resultado formalmente ao aluno e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.

\_\_\_\_\_  
 Presidente da Banca Examinadora e Professor(a) Orientador(a)

Paulo A. Camps

Examinador(a) 01

Marcelo St. Júnior

Examinador(a) 02

X Jessico R. Tinelli

Aluno(a)

Primeiramente a Deus, pela luz e pela força e por estar comigo em todos os momentos de dificuldades.

Agradeço minha família, por todo apoio e pelo amor incondicional, pela paciência, e por terem me dado força para não desistir de tornar meu sonho em realidade.

A todos meus amigos que conquistei nessa trajetória, pelas ótimas histórias vividas ao longo desses anos de universidade, pela amizade e por ajudar a tornar a vida acadêmica muito mais divertida.

E por fim, agradeço imensamente ao meu orientador Dr Antonio Maria Carpes, por todo empenho, dedicação, paciência e principalmente por acreditar em meu potencial, pois não mediu esforços para me ajudar na construção do trabalho, desejo que continue brilhando como professor, pois percebo que exerce a profissão porque ama o que faz, e por este motivo exerce tão lindamente e com muita eficiência, saiba que te admiro muito e continuarei te admirando ao longo da vida. Agradecimento especial também para a banca avaliadora.

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar a relação entre desempenho financeiro e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo descritivo, documental e predominantemente quantitativo. Os dados foram coletados nos relatórios anuais publicados em 2015, nas respectivas demonstrações de fluxo de caixa de cada cooperativa pesquisada. A relação entre desempenho financeiro e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito foi verificada a partir utilizando-se a regressão logística multinomial. Os estágios do ciclo de vida organizacional de cada cooperativa foi identificado considerando a metodologia de Dickson (2010), a qual identifica a referida fase (nascimento, crescimento, maturidade, rejuvenescimento e declínio) conforme a configuração dos resultados gerados pelos fluxos de caixa de cada organização. O desempenho financeiro das cooperativas pesquisadas considerou alguns indicadores propostos a partir de modelo CAMELS.. Conclui-se que os indicadores propostos pelo modelo CAMELS podem ser relacionados com as características organizacionais das cooperativas de crédito brasileiras. Os resultados permitem inferências que podem contribuir com a análise da eficiência no desempenho das cooperativas ao longo de sua trajetória de vida.

Palavras-chave: Desempenho financeiro, estágios de ciclo de vida, CAMELS, cooperativas de crédito.

## ABSTRAT

The objective of this study was to analyze the relationship between financial performance and the organizational life cycle stages of credit cooperatives. The research was carried out through a descriptive, documentary and predominantly quantitative study. The data were collected in the annual reports published in 2015, in the respective cash flow statements of each cooperative surveyed. The relationship between financial performance and the organizational life cycle stages of credit cooperatives was verified using multinomial logistic regression. The stages of the organizational life cycle of each cooperative were identified considering the methodology of Dickson (2010), which identifies said phase (birth, growth, maturity, rejuvenation and decline) according to the configuration of the results generated by the cash flows of each organization. The financial performance of the cooperatives surveyed considered some indicators proposed from the CAMELS model. It is concluded that the indicators proposed by the CAMELS model can be related to the organizational characteristics of the Brazilian credit cooperatives. The results allow inferences that may contribute to the analysis of efficiency in the performance of cooperatives throughout their life trajectory.

Key words: Financial performance, life cycle stages, CAMELS, credit cooperatives.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Estágios dos Ciclos de Vida .....	27
Quadro 2– Classificação do Ciclo de Vida baseado em Dickinson (2010, p. 9) .....	29
Quadro 3: Demonstração de fluxo de caixa .....	29
Quadro 4 – Indicadores de desempenho do modelo CAMELS .....	32



## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Número de associados das cooperativas por regiões .....	34
Tabela 02 - Operações de crédito das cooperativas por regiões .....	34
Tabela 03 - Resultado das cooperativas por regiões .....	35
Tabela 04 – Classificação dos estágios de ciclo de vida das cooperativas de crédito estudadas.....	36
Tabela 05- Adequação capital cooperativas de crédito .....	36
Tabela 06 – Qualidade dos ativos das cooperativas de crédito .....	37
Tabela 07 – Qualidade da gestão das cooperativas estudadas.....	38
Tabela 08 – Resultado das cooperativas de crédito.....	39
Tabela 09– Sensibilidade de risco de mercado das cooperativas de crédito .....	40
Tabela 10 – Informações de ajustes do modelo multinomial.....	40
Tabela 11 – Coeficientes do modelo logístico multinominal – Grupo de referencia Nascimento .....	42
Tabela 12 – Coeficientes do modelo logístico multinominal – Grupo de referencia Crescimento .....	43
Tabela 13– Coeficientes do modelo logístico multinominal – Grupo de referencia Maturidade .....	45
Tabela 14 – Coeficientes do modelo logístico multinominal – Grupo de referencia Rejuvenescimento.....	46

## LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

CAMELS - adequação do capital, qualidade dos ativos, qualidade gerencial, resultado, liquidez e sensibilidade do risco de mercado.

BACEN - Banco Central do Brasil

Ceco - Conselho Consultivo Nacional do Ramo Crédito

OCB- Organização das Cooperativas Brasileiras

SFN - Sistema Financeiro Nacional

CMN - Conselho Monetário Nacional

PAC - postos de atendimento cooperativo

PEARLS - Proteção; Estrutura financeira efetiva; Qualidade dos ativos; Taxas de retorno e custos, Liquidez, Sinais de crescimento

EUA - Estados Unidos da América

VaR - valor em risco

Pr- Paraná

SC- Santa Catarina

RS – Rio Grande do Sul

RJ – Rio de Janeiro

MT – Mato Grosso

B – Beta

MKCA-Valores Mob. Em carteira/Ativo total

MKCK – Valores mob. Em carteira/ Empréstimo total

CVO – Ciclo de vida Organizacional

DEORF - Departamento de Organização do Sistema Financeiro do BACEN

Dieese - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

SCC - Sistema Cooperativo de Crédito

ROA – Retorno sobre os ativos

RPL – Retorno sobre Patrimônio líquido

EC - estrutura de capital

CE - endividamento

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1PROBLEMA DE PESQUISA .....	14
1.2OBJETIVOS.....	16
1.3OBJETIVO GERAL.....	16
1.3.1OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
1.4JUSTIFICATIVA.....	17
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>19</b>
2.1 COOPERATIVAS DE CRÉDITO .....	19
2.2 DESEMPENHO FINANCEIRO PELO MODELO CAMELS.....	21
2.2.1 Adequação de Capital (C) .....	23
2.2.2 Qualidade dos Ativos (A).....	23
2.2.3 Qualidade da gestão ou capacidade gerencial(M).....	24
2.2.4 Resultados (E) .....	24
2.2.5 Liquidez (L) .....	25
2.2.6 Sensibilidade risco de mercado (S) .....	25
2.3 CICLO DE VIDA ORGANIZACIONAL: UMA ABORDAGEM DO MODELO DE DICKINSON, (2010).....	26
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>31</b>
3.1. Delineamento de pesquisa .....	31
3.2. Procedimento de coleta de dados.....	31
3.3. Análise dos indicadores utilizados na pesquisa.....	33
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADO .....</b>	<b>35</b>
4.1 Caracterização das sociedades cooperativas.....	35
4.2 Estágio de ciclo de vida das cooperativas .....	36
4.3 Desempenho financeiro das cooperativas de crédito pesquisadas .	37
4.3.1 Adequação capital (C) .....	37
4.3.2                      Qualidade                      dos                      Ativos (A).....	38
4.3.3 Qualidade da gestão (M) .....	39
4.3.4 Resultado (E) e Liquidez (L).....	40
4. 3.5 Sensibilidade de risco de mercado (S) .....	41

<b>4.4 Relação de indicadores de desempenho financeiro e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito .....</b>	<b>41</b>
<b>5 Considerações finais .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>59</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo Pinheiro (2008), sociedades cooperativas são grupo de pessoas, com formato e natureza jurídica próprias formadas para prestar serviços aos associados, cujo regime jurídico, é instituído pela Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971. A principal particularidade das sociedades cooperativas é o foco nas pessoas e não no capital (RICCIARDI; LEMOS, 2000).

Desde a fundação da primeira cooperativa na Inglaterra em 1844, existem os princípios cooperativistas: adesão voluntária e livre; gestão democrática; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação, intercooperação e Interesse pela comunidade, estes sete princípios do cooperativismo são as linhas orientadoras para valores e prática do cooperativismo (OCB, 2016).

Segundo dados da Organização das cooperativas do Paraná (OCEPAR, 2016) as sociedades cooperativas são segregadas em 13 ramos: agropecuário, crédito, educacional, especial, habitacional, infra-estrutura, mineral, produção, saúde, trabalho, transporte, turismo e lazer. Devido ao crescimento e a expansão do cooperativismo, aumenta a busca por informações gerenciais que possibilitem um maior controle e monitoramento destas organizações. Todavia, são necessários métodos que façam uma avaliação de forma objetiva no intuito de mostrar quais os pontos devem ser melhorados, proporcionando uma análise criteriosa, em tempo real e menos custoso. (VILELA, NAGANO, MELO, 2007).

Dentre os ramos do cooperativismo destacam-se as cooperativas de crédito que diferenciam-se das demais instituições financeiras em relação aos serviços, por seu objetivo e pelo seu público alvo, ainda fornecem crédito de forma barata e fácil, pois suas taxas de juros são mais reduzidas (FERREIRA; GONÇALVES; BRAGA, 2007). As cooperativas de crédito têm como objetivo fornecer crédito, e ampliar suas ações sociais (BRESSAN, BRAGA E BRESSAN, 2003). Desse modo, surgem como alternativa para atender a demanda de crédito existente no mercado, inserindo-se ao sistema financeiro das pessoas, que por algum motivo estavam excluídas do sistema financeiro, seja por falta de garantia ou de limitações econômicas (YUNUS; JOLIS, 2005).

Segundo Silva Filho (2002) as cooperativas de crédito possuem relevância expressiva no contexto econômico, pois trabalham em conjunto à classe dos

trabalhadores, desta forma melhorando suas condições financeira dos mesmos. As cooperativas de crédito executam a captação do capital com objetivo de financiar as atividades econômicas de seus associados (SCHARDONG, 2003).

Partindo do ponto de vista social, as cooperativas de crédito são eficientes na democratização do crédito e para desconcentração da renda (VILELA, NAGANO, MELO, 2007). Para os autores, as sociedades cooperativas de crédito proporcionam soluções para o acesso ao crédito e aos serviços bancários de forma independente e autônoma. Para satisfazer as necessidades dos associados, as cooperativas de crédito fornecem opções de crédito diversificadas, por meio de empréstimos que atendam às necessidades financeiras de seus cooperados. (DAL MAGRO, 2015 apud CLARK, 1944).

Algumas pesquisas (BRESSAN ET AL. (2011), SILVA, PADILHA E SILVA (2015), ao investigarem o desempenho e a eficiência de instituições financeiras em cooperativas de crédito utilizaram modelos, como por exemplo o PEARLS (Proteção; Estrutura financeira efetiva; Qualidade dos ativos; Taxas de retorno e custos, Liquidez, Sinais de crescimento)

Posteriormente foram estudados novos modelos aplicáveis em cooperativas de crédito como modelo CAMELS (adequação do capital, qualidade dos ativos, qualidade gerencial, resultado, liquidez e sensibilidade do risco de mercado). O referido modelo foi utilizado em alguns estudos nacionais (CAPELETTO, 2006), CAPELETTO, MARTINS E CORRAR, (2008) E SILVA, (2012) para mensuração do desempenho econômico de cooperativas de crédito.

### 1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

O Banco Central do Brasil (BACEN, 2014) órgão que regulamenta as cooperativas de crédito normatiza que a formação de uma cooperativa de crédito tem a finalidade de prestar serviços financeiros simplificados e vantajosos aos associados.

O Banco Central do Brasil - BACEN - tem como missão institucional a estabilidade do poder de compra da moeda e a solidez do sistema financeiro. O referido órgão é responsável por regular as instituições financeiras inclusive cooperativas de crédito, sujeitando qualquer instituição financeira a funcionar no Brasil mediante sua autorização e vigilância (BACEN,2016).

As cooperativas de crédito no Brasil tem aumentado seu número de sócios ou cooperados. Segundo dados do BACEN (2016), o percentual da população brasileira a fazer parte de uma cooperativa de crédito aumentou, desde de 2012, 27%, de acordo com dados divulgados pelo Banco Central do Brasil, durante reunião ordinária do Conselho Consultivo Nacional do Ramo Crédito (Ceco), realizada na sede da Organização das Cooperativas Brasileiras, em Brasília. O BACEN (2016) apresentou também a evolução do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo no Brasil e também aumentou a demanda de serviços oferecidos pelas cooperativas de crédito. A pesquisa considerou os números disponíveis no banco de dados do Banco até dezembro de 2015.

Segundo a Reunião Plenário do Conselho Consultivo Nacional, realizada em 11 de maio de 2016, foi divulgado o percentual de depósitos em cooperativas de crédito que representa, 3,49% do Sistema Financeiro Nacional. Conforme este material divulgado pelo Banco Central existem 1.097 cooperativas sendo 1.060 singulares, 35 centrais e duas confederações, possui 4.470 postos de atendimento (não incluídas as sedes das cooperativas que em muitos casos prestam atendimento), possui 8,3 milhões de cooperados (que vivem em 5.144 municípios, ou seja, 91,8% do total nacional), e a representatividade das cooperativas de crédito é de 2453 municípios representando 44% das cidades brasileiras (BACEN,2016).

As cooperativas de crédito, por terem objetivos diferenciados das demais corporações financeiras, as quais não visam lucro, buscam harmonia entre o social e o econômico. No entanto, a forma de gestão de cooperativas não deve ser diferente de outras organizações financeiras, especialmente no que trata-se de liquidez, economia e solvência de escala e comprometimento de seus ativos (SILVA FILHO 2002).

Desta forma, as cooperativas de crédito devem possuir instrumentos de avaliação de resultados e desempenhos, pois precisam implementar um processo de estratégia de gestão e de tomada de decisão (SILVA FILHO, 2002). Para Da Silva (2001), desempenho financeiro pode ser descrito por índices que proporcionam informações sobre a estrutura de capital, liquidez e rentabilidade das empresas.

Para uma análise econômica financeira existem diversidades de índices que podem ser utilizados, não havendo unanimidade em relação as metodologias que melhor demonstram os resultados (SANTOS; CODA; MAZZLI, 2010). É preciso fazer uso de critérios para organizar e apurar as informações, tendo em vista o volume de

indicadores e as diferentes combinações de análise do desempenho (DA COSTA FERREIRA; DA SILVA MACEDO, 2011).

A metodologia CAMELS tem como objetivo medir a solidez das instituições de crédito comerciais, inicialmente utilizada nos Estados Unidos para monitoramento das instituições financeiras (DAL MAGRO, 2015 APUD NATILSON e BRUETT, 2001).

A mensuração do desempenho gera o grau de estagnação, evolução ou declínio da organização, desta maneira oferece informações para preparação de medidas preventivas. (DAL MAGRO, 2015 APUD NEELY, 1998).

Para identificar os estágios do ciclo de vida das empresas por, meio de variáveis contábeis constantes nas demonstrações de fluxo de caixa Dickinson (2010) propôs uma proxy, sendo assim usou a metodologia “Orgânica” para fazer a classificação do ciclo de vida das empresas, onde o estágio do ciclo de vida é determinado pelo desempenho e alocação. A diferença de se usar os resultados dos fluxos de caixa segundo Dickinson (2010) está na importância de integralizar todos os conjuntos de informações da organização, sendo eles, operacional, investimento e financiamento ao oposto de uma única medida para determinação do ciclo de vida.

Diante do contexto problematizado o presente estudo se propõem responder a seguinte questão de pesquisa: qual a relação entre desempenho financeiro e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito?

## 1.2. OBJETIVOS

### 1.2.1. OBJETIVO GERAL

Analisar a relação entre desempenho financeiro e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito.

### 1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Caracterizar o modelo das sociedades cooperativas de crédito no Brasil;
- b) Classificar as cooperativas aos respectivos ciclos de vida organizacional;
- c) Avaliar o desempenho financeiro das sociedades cooperativas de crédito, a partir do modelo CAMELS;



d) Verificar a relação entre os indicadores de desempenho financeiro e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito.

### 1.3. JUSTIFICATIVA

São relevantes os estudos que envolvem organizações para observar fragilidades e apontar tendência quanto a situação econômica financeira. Entretanto, “a quebra isolada de uma instituição financeira não pode ser comparada com o desmantelamento de todo o sistema financeiro” (CAPELLETO, 2006 p.19). A partir da identificação do índice de eficiência de CAMELS nas diferentes fases do ciclo de vida organizacional em que se encontram as organizações, é possível retratar prováveis características da situação econômica financeira das mesmas.

Existem poucos estudos que abordam questões de ciclo de vida e avaliação de desempenho com o uso de índice de CAMELS, em especial nas cooperativas de crédito. Uma parte dos estudos em cooperativas de crédito tem analisado o desempenho financeiro (FERREIRA, M. A. M., GONÇALVES, R. M. L., & BRAGA, M. J. (2007); SILVA FILHO, G. T. (2002); BRESSAN, V. G. F.; BRAGA, M. J.; BRESSAN, A. A.; RESENDE-FILHO, M. A 2011). Outras pesquisas averiguaram a participação dos associados, gestão solidária (BÚRIGO, F. L. 2006), entretanto os estudos sobre estágios de ciclo de vida organizacional em cooperativas de crédito relacionando com o modelo CAMELS, inexistem.

O presente estudo contribui com a literatura sobre a lacuna que existe em estudos de ciclo de vida organizacional em cooperativas de crédito relacionado com modelos de desempenho, notadamente também não há estudos para as cooperativas de crédito, aplicando um modelo estatístico baseado no sistema CAMELS a uma amostra de cooperativas de crédito no Brasil.

Segundo dados do BACEN, 2016 as cooperativas de crédito no Brasil ocupam a 16ª posição em maior volume de ativos de instituições financeiras cooperativas no mundo. Nos dias atuais as cooperativas de crédito representam 18% das agências bancárias do país, enquanto os depósitos totais administrados ultrapassam 5% do total, também pode ser destacado que as cooperativas de crédito somadas ocupam a 6ª posição no ranking do volume de ativos, depósitos e empréstimos, estando portanto entre as maiores instituições financeiras de varejo do país (BACEN,2016)

Os referidos números desenham a participação do segmento cooperativo de crédito no sistema financeiro brasileiro, denotando a relevância do estudo no tocante aos aspectos empíricos. Os resultados trarão luz na contribuição quanto a importância de se avaliar o desempenho dessas organizações, em especial em determinados estágios de seu ciclo de vida organizacional.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. COOPERATIVAS DE CRÉDITO

A primeira cooperativa de crédito no Brasil teve início no dia 28 de dezembro de 1902, na cidade de Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul com propósito de financiamento das atividades para pessoas com menor poder aquisitivo e que precisavam do básico para sobreviver (SCHARDONG, 2003).

Soares e Melo Sobrinho (2007) acreditam que o cooperativismo de crédito é importante para a sociedade, sendo representado pela comunidade que contribui para o desenvolvimento sustentável e financeiro, como uma consequência de distribuição de renda e geração de emprego para os cooperados e associados à cooperativa.

As cooperativas de crédito por serem eficientes na distribuição do crédito e desconcentração da renda permitem melhoria nos segmentos sociais e possibilitam solucionar problemas de serviços bancários e acesso ao crédito que anteriormente só eram ofertados à um pequeno extrato da população (VILELA, NAGANO E MERLO (2007).

As sociedades cooperativas de crédito são compostas de forma espontânea e democrática, com suporte nas necessidades de produtos e serviços financeiros das pessoas, desta forma gera benefícios e deverão retornar para seus sócios. Desse modo, é necessário uma boa governança e de seu equilíbrio financeiro para a cooperativa atuar em seu projeto social (OCB- Organização das Cooperativas Brasileiras).

Segundo Schimmelfenig (2010) as cooperativas de crédito foram criadas para proporcionar soluções financeiras aos seus associados e que estes tenham acesso a produtos e serviços que supram suas necessidades e condições financeiras.

Para Silva Filho (2002) as cooperativas de crédito possuem grande importância no contexto econômico, pois atendem à classe trabalhadora e procuram minimizar suas dificuldades financeiras. Schardong (2003) expõe que as cooperativas de crédito promovem a captação do capital com o objetivo de financiar as atividades econômicas de seus associados.

Para Schimmelfenig (2010) o propósito da cooperativa de crédito é contribuir com os valores democráticos de igualdade, prosperidade e solidariedade do quadro

social, propiciando uma democracia e sociabilidade, na qual os sócios se beneficiem mutuamente, controlando e decidindo sobre o seu funcionamento.

Segundo Silva Filho (2002) as cooperativas de crédito detêm recursos exclusivamente de seus sócios, provenientes de depósito à vista e a prazo, oriundos de instituições financeiras nacionais e estrangeiras, os quais referem-se aos repasses, empréstimos, refinanciamentos ou outras modalidades de operações de crédito de qualquer entidade.

Segundo Silva Filho (2002) na composição do Sistema Financeiro Nacional (SFN), existem vários tipos de organizações que exercem atividade no mercado financeiro, sendo identificadas conforme seus objetivos e características, dentro de uma estrutura instituído por normativos específicos. Sendo assim as “Instituições Financeiras Captadoras de Depósito à Vista” representa uma modalidade de organizações, evidenciado pelos bancos comerciais, bancos múltiplos com carteira comercial, cooperativas de crédito e caixas econômicas, que atuam no mercado financeiro (SILVA FILHO, 2002).

A estrutura vigente do Sistema Financeiro Nacional (SFN) tem como órgão máximo o Conselho Monetário Nacional (CMN) com competência normativas e encarregado pelas políticas monetárias, cambial, creditícia do país. O órgão executivo central do sistema financeiro é o Banco Central, que possui como responsabilidade fazer cumprir as disposições que regulam o funcionamento do sistema e as normas transmitidas pelo CMN. Ao Banco Central cabe conceder o aperfeiçoamento das instituições financeiras tornando mais eficaz o sistema de pagamento concentração dos recursos e zelar pelo patrimônio das instituições financeiras (SILVA FILHO, G. T. (2002) apud FORTUNA, 1999).

A Resolução 2099 de 17/08/94 admite que as cooperativas de crédito estendam seus pontos de atendimento, em suas áreas de atuação, abrindo o chamado postos de atendimento cooperativo (PAC), com o intuito de atender as necessidades de seus associados. Contudo, a contabilidade desses PACs deve ser centralizada na sede da cooperativa (BACEN,2016).

Diante da importância que as cooperativas de crédito desempenham no meio em que estão inseridas, a definição de critérios para mensuração do desempenho é relevante para os diversos interessados, sejam eles, o mercado financeiro, associados, gestores, investidores e o governo.

## 2.2. DESEMPENHO FINANCEIRO PELO MODELO CAMELS

Para Silva (2002) a expressão avaliação de desempenho está relacionado aos sentidos conferidos ao termo avaliação e o contexto relativo ao desempenho. No contexto empresarial o desempenho pode assumir diversas dimensões, que podem variar em sua totalidade, áreas, funções e aos cargos exercidos, aspectos operacionais, econômicos e financeiros das atividades. Mensurar um desempenho refere-se quantificar atributos de um objeto, com o intuito de expressá-los numericamente.

O termo avaliação, de acordo com Silva (2002), refere-se ao ato ou efeito de atribuir valor. O valor pode ser entendido como qualitativo no caso de mérito ou importância, ou no sentido quantitativo, no caso de mensuração. Para Silva (2002) na dimensão qualitativa a avaliação indica a concepção de formação de juízo, julgamento ou ainda atribuição de conceito a determinados requisitos de algum objeto, no intuito de estabelecer padrões em termos informativos para projeção das possibilidades de desempenho, bem como sua realização.

Avaliar desempenho significa avaliar ou mensurar a contribuição ou um resultado. Sendo assim, avaliar desempenho significa relativamente avaliar gestores e pessoas que administram unidades ou centros de responsabilidade, enquanto, avaliar resultados corresponde à mensuração da importância dos produtos oferecidos ao mercado, com objetivo de observar qual deles proporciona maior ou menor contribuição (SILVA, 2002). Silva (2002) enfatiza que não existe um modelo ideal para avaliar o desempenho e os resultados de organizações financeiras, ou seja cada modelo deve considerar suas próprias peculiaridades como estrutura organizacional e cultura, assim como suas estratégias e suas políticas, sendo capaz de gerar e operar o seu modelo ideal.

Segundo Silva (2002) o conceito eficiência relaciona-se com aprimoramento de recursos e a inexistência de desperdício, tanto na administração como na Economia. Consequentemente, a eficiência se dá pela utilização máxima dos recursos existentes no intuito de satisfazer as necessidades e os desejos de indivíduos e organizações.

Nas cooperativas de crédito, Silva (2002) relaciona a capacidade de otimização dos benefícios aos associados, incorporado em operações de créditos e benefícios líquidos. Seguindo esta vertente, a eficiência pode ser estimada como uma medida de capacidade que mecanismos ou agentes tem de positivo para cumprir com seus

objetivos, sendo eles de fornecer o resultado esperado pelos donos do negócio, sendo eles os associados (SILVA, 2002).

Existem alguns estudos nacionais sobre os indicadores de eficiência nas cooperativas de crédito, como por exemplo DAMBROS, LIMA E FIGUEIREDO (2009) que analisaram a eficiência na aplicação de crédito, rentabilidade e liquidez, das cooperativas de crédito do SICREDI no Estado do Paraná, entre os anos de 2005 e 2006. Outro estudo foi de BRESSAN, BRAGA E BRESSAN (2011) que proporcionaram uma análise financeira das cooperativas de crédito rural do estado de Minas Gerais, entre o período de 1998 a 2001, a partir da aplicação dos indicadores financeiros de estrutura de capital, solvência, despesas, rentabilidade e crescimento.

A literatura propõe o uso do modelo CAMELS para estudar o desempenho em instituições financeiras incluindo as cooperativas de crédito, mas existem outros modelos aplicáveis em instituições financeiras e cooperativas de crédito sendo eles PEARLS, CAMEL. Segundo Ferreira e Macedo (2011) é necessário fazer proveito de metodologias para organizar e apurar as informações, considerando o volume de indicadores e as diferentes combinações de análise do desempenho. Nesse contexto, o autor Dal Magro (2015) destaca que a literatura propõe o uso do modelo CAMELS para apurar informações sobre desempenho em instituições financeiras.

O método CAMELS desenvolvido por Meyer e Piffer (1970) foi introduzido pela primeira vez em 1978 pelos órgãos reguladores norte-americanos com o objetivo de medir a solidez das instituições de crédito comerciais dos EUA (Estados Unidos da América) por meio de um conjunto de indicadores de desempenho capazes de contribuir no monitoramento das instituições financeiras (NATILSON e BRUETT, 2001 apud DAL MAGRO 2015).

O modelo CAMELS evidencia as taxas financeiras com as características de bancos, no intuito de elaborar a previsão de insolvência. No Brasil, o modelo CAMELS foi utilizado para mensurar o risco sistêmico de bancos (CAPELETTO, 2006) CAPELETTO; MARTINS; CORRAR, 2008).

A composição do modelo CAMELS pode ser visualizada a partir de seis conjuntos de indicadores representados em sua sigla: *Capital Adequacy* (Adequação ao Capital); *Asset Quality* (qualidade dos ativos); *Management* (Capacidade gerencial); *Expertise* (Resultados); *Liquidity* (liquidez); e *Sensitivity to market Ratio* (sensibilidade ao risco de mercado) (DAL MAGRO, 2015).

### **2.2.1 Adequação de Capital (C)**

Com relação à Adequação de Capital (C) Resende (2012) expõe que qualquer indicio de comprometimento do capital, revela problemas na situação econômico-financeira de uma instituição, com isto representa o aumento dos riscos para a mesma. Segundo Miranda (2008), se tratando de uma instituição financeira, para acompanhar e supervisionar tais riscos precisa manter o nível do capital em conformidade com a natureza e a extensão de riscos que assume, desta forma consegue identificar com sua capacidade gerencial.

É relevante considerar se a instituição tem capital suficiente para definir uma base adequada para o crescimento e absorção de prováveis perdas, para assim gerar segurança para seus depositantes (RESENDE, 2012).

Se tratando dos valores dos ativos serem superiores ao valor do passivo Capelletto (2006) evidencia que existe a compreensão de que a instituição tem competência de honrar com todas as obrigações e ainda sobram recursos para os proprietários, concluindo que a instituição tem patrimônio líquido positivo e está solvente. Segundo o autor o patrimônio líquido é primordial fator a ser considerado em um diagnóstico da situação econômica de uma instituição financeira, com prováveis problemas de perda de depósitos ou qualidade dos ativos, podem ser superados, até determinado limite, quando há patrimônio líquido em nível adequado (CAPELLETO, 2006).

O Comitê da Basileia editou o Acordo de Capital da Basileia, que elaborou limites de exposição a riscos com base no capital disponível da instituição, consciente da relevância da determinação de uma condição mínima de capital para os bancos (RESENDE,2012).

### **2.2.2 Qualidade dos Ativos (A)**

A qualidade dos ativos (A) consiste em analisar quais dimensões possíveis perdas foram provisionadas e quais eventuais efeitos causariam na base do capital. O início de uma situação de falência numa instituição financeira pode ser resultado de uma perda de seus ativos, demonstrando uma incapacidade de proporcionar receitas superiores às despesas próprias da atividade (RESENDE, 2012).

Segundo Miranda (2008) o principal ativo na instituição financeira é sua carteira de crédito, por isso, o risco de crédito provavelmente será o principal foco dos trabalhos, mas, também deve-se avaliar eventuais efeitos relevantes ao risco de mercado e a possível existência de ativos de realização duvidosa.

Percebe-se que a qualidade dos ativos é um fator determinante de resultados futuros, resultando no aumento ou na diminuição de capital. Para Resende (2012) as carteiras de empréstimos costumam ser o maior componente do balanço patrimonial de um banco. Assim sendo, o atributo dos empréstimos é considerada um elemento essencial para determinar a competência creditícia de bancos (RESENDE 2012 apud FANGER, 2006).

### **2.2.3 Qualidade da gestão ou capacidade gerencial(M)**

A qualidade da gestão aponta um caminho para a capacidade dos gestores de identificar, controlar e medir os riscos das práticas das instituições financeiras, preservando a competência operacional e vigor econômico financeira da organização (RESENDE, 2012).

A capacidade gerencial pode ser demonstrada por meio da qualificação profissional, pro atividade da equipe gerentes e diretores, adesão de práticas de procedimentos internos e controles apropriados, manutenção de auditoria interna, adequado controle de riscos e gerenciamento dos sistemas de informações, entre outros. (MIRANDA, 2008 apud FEDERAL RESERVE, 1996,). Segundo Resende (2012) as boas práticas podem ser evidenciadas pela evolução de indicadores que, por sua vez, resulta numa redução de gastos e alavancagem, condicionando um melhor resultado da organização.

### **2.2.4 Resultados (E)**

No diagnóstico de resultados, a finalidade é refletir sobre os elementos relacionados a quantidade e a propensão dos resultados das instituições financeiras, desta forma consegue-se observar os principais fatores que influenciam na conquista dos resultados (RESENDE, 2012). Segundo o referido autor vale destacar alguns fatores: análise da rentabilidade; análise da evolução e composição dos resultados; análise da margem de intermediação financeira; e percepção preliminar sobre a eficiência.

Segundo o autor Resende (2012) verificar isoladamente apenas um índice, é capaz de levar a conclusões equivocadas, deste modo a metodologia CAMELS faz análise de vários índices.

### **2.2.5 Liquidez (L)**

A liquidez, na metodologia CAMELS está relacionada com a prática da instituição financeira em realizar ativos em curto prazo, ou seja, transformar em moeda



corrente, ou então de se conseguir a curto prazo financiamento, mas que não impeça que cumpra com suas obrigações (RESENDE,2012).

A liquidez em conjunto com análise da rentabilidade são fatores primordiais na análise de demonstrações contábeis. Segundo Resende (2012), existem dois objetivos ao analisarem demonstrações de resultado de exercício e balanço patrimonial: conhecer a liquidez e a rentabilidade da empresa. O que se espera com a análise de liquidez é investigar a capacidade da empresa de honrar seus compromissos financeiros (RESENDE,2012).

Segundo Miranda (2008) a composição dos indicadores de liquidez aplicáveis a metodologia CAMELS podem ser: adequação da liquidez, diversificação das fontes de recursos, suprir necessidade de caixa, dentre outros.

#### **2.2.6 Sensibilidade risco de mercado (S)**

As atividades das instituições financeiras estão compreendidas ao risco do mercado, desta forma há alterações nas taxas de juros, nos preços das ações, taxa de cambio ou nos preços das *commodities* (MIRANDA,2008).

Segundo Capelleto (2006), a sensibilidade do risco de mercado está relacionada a capacidade de gerenciamento dos riscos, a natureza e ao tamanho da instituição financeira, do mesmo modo que o volume de capital e de resultados estão relacionados com o risco de mercado.

Segundo Miranda (2008), uma das técnicas utilizadas para investigar a influencia do risco de mercado é o valor em risco (VaR), que representa em um único número a exposição total do risco de mercado de uma instituição.

### **2.3. CICLO DE VIDA ORGANIZACIONAL: UMA ABORDAGEM DO MODELO DE DICKINSON, (2010)**

Segundo Necyk (2008) os modelos de ciclo de vida das organizações abordam a questão de como as organizações se desenvolvem no tempo. Para o autor, a cada organização incorpora características particulares em cada estágio de ciclo de vida, passando a ter necessidades de informações específicas e sofrendo impactos em suas práticas contábeis gerenciais.

Ao longo do tempo, foram desenvolvidos alguns modelos de ciclo de vida organizacional. Quinn e Cameron (1983) em um dos seus levantamentos identificaram

e compararam nove exemplos. Também constataram que os modelos se diferenciavam em termos da enumeração de estágios organizacionais e na utilização dos atributos que caracterizavam cada um desses estágios. Tais autores conseguiram integrar os modelos analisados em um conjunto comum de estágios organizacionais:

- a) estágio empreendedor (inovação, formação de nichos e criatividade);
- b) estágio coletivo (alta coesão, comprometimento);
- c) estágio de formalização e controle (estabilidade e institucionalização);
- d) estágio de estruturação e adaptação (expansão dos domínios e descentralização).

Quinn e Cameron (1983) em alguns estudos desconsideravam a fase de declínio e morte da organização, levando os autores a presumir que apenas os estágios que levam do nascimento à maturidade seriam previsíveis. Os autores não deixaram claro quanto tempo cada organização despende em um dado estágio. Quinn e Cameron (1983) também, salientaram que há diferenças entre os modelos em termos do fenômeno organizacional que orienta o desenvolvimento (estrutura, mentalidade individual, problemas funcionais, etc.). Cada modelo tende a enfatizar um “fio condutor” principal do desenvolvimento da organização.

Miller e Friesen (1984) destacaram-se entre os vários modelos de estágios de ciclo de vida existentes, não somente por sua profundidade conceitual, mas também pelos testes empíricos realizados. O objetivo de Miller e Friesen (1984) foi o de introduzir uma tipologia que conseguisse prever as diferentes características ambientais e organizacionais em diferentes estágios de desenvolvimento. A principal justificativa para os estudos de Miller e Friesen (1984) encontrava-se na ausência de estudos longitudinais, que esclarecessem a sequência evolutiva entre os estágios do ciclo de vida porque até então, os estudos eram eminentemente cross-sectional (corte transversal), ou seja, identificavam características estáticas de diferentes organizações em distintos estágios de vida, no mesmo momento histórico. Sendo assim, fundamentando-se em estudos anteriores, Miller e Friesen (1984) definiram cinco estágios de desenvolvimento cujas características estão resumidas no quadro abaixo.

Quadro 01 - Estágios dos Ciclos de Vida:

Estágio	Situação	Organização	Inovação e Estratégia
Nascimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- firma pequena</li> <li>- jovem</li> <li>- dominada pelo fundador</li> <li>- ambiente homogêneo, plácido</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estrutura informal</li> <li>- indiferenciada</li> <li>- poder altamente centralizado</li> <li>- métodos primitivos de processamento de informação e de tomada de decisão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- inovação considerável nas linhas de produto</li> <li>- estratégia de nicho</li> <li>- assume riscos substanciais</li> </ul>
Crescimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- tamanho médio</li> <li>- mais velha</li> <li>- múltiplos acionistas</li> <li>- ambiente mais heterogêneo e competitivo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- alguma formalização da estrutura</li> <li>- base organizacional funcional</li> <li>- diferenciação moderada</li> <li>- algo menos centralizada</li> <li>- desenvolvimento inicial de processamento formal de informações e métodos de tomada de decisão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ampliação do escopo de produtos e mercados em áreas relacionadas</li> <li>- inovações incrementais nas linhas de produto</li> <li>- crescimento rápido</li> </ul>
Maturidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- maior</li> <li>- mais velha ainda</li> <li>- propriedade dispersa</li> <li>- ambiente ainda mais heterogêneo e competitivo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estrutura formal e burocrática</li> <li>- base organizacional funcional</li> <li>- diferenciação moderada</li> <li>- centralização moderada</li> <li>- processamento de informações e tomada de decisão como na fase de crescimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- consolidação da estratégia de produtos e mercados</li> <li>- foco em suprir mercados bem definidos de forma eficiente</li> <li>- conservadorismo</li> <li>- crescimento menor</li> </ul>
Renovação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- muito grande</li> <li>- ambiente muito heterogêneo, competitivo e dinâmico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- base organizacional divisional</li> <li>- alta diferenciação</li> <li>- controles, monitoramento, comunicação e processamento de informação sofisticados; análise mais formal na tomada de decisão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estratégia de diversificação de produtos e mercados, movimentação para algumas áreas não relacionadas</li> <li>- alta propensão a riscos e planejamento</li> <li>- inovação substantiva</li> <li>- crescimento rápido</li> </ul>
Declínio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- tamanho de mercado</li> <li>- ambiente homogêneo e competitivo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estrutura formal e burocrática</li> <li>- base organizacional funcional na maioria</li> <li>- diferenciação e centralização moderadas</li> <li>- sistemas de processamento de informação e métodos de tomada de decisão menos sofisticados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- baixo nível de sofisticação</li> <li>- corte de preços</li> <li>- consolidação de produtos e mercados</li> <li>- liquidação de subsidiárias</li> <li>- aversão a risco e conservadorismo</li> <li>- crescimento baixo</li> </ul>

FONTE: MILLER; FRIESEN, 1984, pag. 1163

Miller e Friesen (1984) tentaram evidenciar nesse modelo como a organização reage à crescente complexidade da tarefa administrativa à medida que progride em seu ciclo de vida. Seus achados comprovaram que os desafios são respondidos através de estilo de decisão de soluções estruturais, e de estratégia crescentemente complexas.

Seus estudos relataram históricos registrados de diversas organizações e por meio desses relatos, eles desenvolveram um método para classificar as organizações nos diferentes estágios de ciclo de vida teorizados. As particularidades apontadas nessas fases foram aferidas para reafirmar ou não a aderência das configurações

teorizadas. Para Miller e Friesen (1984) a formação dos estágios do ciclo de vida fica mais bem evidenciado quando se analisam as características por cada fase.

Dickinson (2010) define cinco estágios do ciclo de vida organizacional sendo: a primeira fase, uma fase introdutória, na qual uma inovação é produzida pela primeira vez. A segunda fase é denominada de crescimento, pois o mercado ainda não está carregado pelo novo produto nele inserido. Com relação a terceira fase, denominada de maturação, a concorrência entre os participantes quase fica equilibrada. A quarta fase é um estágio de turbulência, cujo crescimento da receita da empresa é negativo, o que resulta no último estágio do ciclo de vida. A quinta e última fase é de declínio, fase em que a receita da empresa é aproximadamente zero.

Diferentemente das outras metodologias que abordam os estágios de ciclo de vida organizacional, Dickinson (2010) considera variações de caixa retratadas por meio dos fluxos de caixa das atividades operacionais, de investimento e de financiamento. Acrescenta-se na referida metodologia a ideia de que não existe ordem para as fases do ciclo de vida organizacional,

Os padrões de fluxo de caixa são os resultados orgânicos das operações de uma empresa e ocasionam uma melhor semelhança com a teoria econômica (DICKINSON, 2010).

Com intuito de determinar em qual estágio de ciclo de vida a instituição se encontra, é necessário fazer a composição do sinal da variação do caixa (Operacional, Investimento e Financiamento), Dickinson (2010) classificou cada empresa em determinado estágio do ciclo de vida. A seguir (quadro 2) apresenta-se a referida distribuição em acordo com os sinais apresentados pelos referidos fluxos.

Quadro 2– Classificação do Ciclo de Vida baseado em Dickinson (2010, p. 9)

Fluxo de Caixa	Composição de Sinais				
<b>Operacional</b>	-	+	+	+ - +	--
<b>Investimento</b>	-	-	-	+ - +	++
<b>Financiamento</b>	+	+	-	+ - -	+-
<b>Ciclo de Vida:</b>	<b>Nascimento</b>	<b>Crescimento</b>	<b>Maturidade</b>	<b>Turbulência</b>	<b>Declínio</b>

Fonte: Dickinson (2010), p. 09.

Apresentado a classificação do ciclo de vida em sinais de + que significa as entradas no caixa e de – que indica as saídas do caixa, no quadro 3, segue um

exemplo de demonstração de fluxo de caixa e em seguida a sua classificação, para demonstrar como é utilizado a metodologia.

<b>Quadro 3: Demonstração de fluxo de caixa</b>	
<b>Método Direto</b>	
<b><u>Atividades Operacionais</u></b>	
Recebimento de clientes	R\$ 9.500,00
Pagamento de fornecedor	-R\$ 5.000,00
Pagamento de despesas	-R\$ 1.380,00
<b>Caixa líquido atividades operacionais</b>	<b>R\$ 3.120,00</b>
<b><u>Atividades de Investimento</u></b>	
Aquisição de Ações (Part.Outras Cias)	-R\$ 2.140,00
Aquisição de Móveis e Utensílios	-R\$ 300,00
Aquisição de Terrenos	-R\$ 1.000,00
<b>Caixa líquido atividades de investimento</b>	<b>-R\$ 3.440,00</b>
<b><u>Atividades de Financiamento</u></b>	
Aquisição empréstimos curto prazo	R\$ 470,00
Aumento de capital	R\$ 1.500,00
Pagamento de dividendos	-R\$ 850,00
<b>Caixa líquido atividades de financiamento</b>	<b>R\$ 1.120,00</b>

Fonte: Autora

Tendo em vista o exemplo (quadro 3) de fluxo de caixa chega a seguinte classificação, conforme metodologia da Dickinson (2010), observa-se que na atividade operacional deu um valor positivo (R\$3.120,00), por este motivo leva um (+) na classificação operacional, as atividades de investimento percebe-se um valor negativo (- R\$ 3.440,00), conseqüentemente fica com (-) na classificação do investimento, nota-se um resultado positivo na atividade de financiamento (R\$ 1.120,00), então é classificado (+), logo a sua organização na demonstração do fluxo de caixa fica (+-+), categorizando assim a fase de crescimento conforme quadro 2.

Dickinson (2010, p 4) observa que o estudo de ciclo de vida organizacional é útil nos seguintes contextos:

- (1) para avaliar melhor as taxas de crescimento e horizontes de previsão em modelos de avaliação;
- (2) para entender melhor como fundamento econômico afetam as propriedades de nível e de convergência de rentabilidade futura;
- (3) para identificar as empresas onde os potenciais fatores de risco não identificados com base nas diferenças de estágio do ciclo de vida;

(4) como uma variável de controle para características econômicas distintas da empresa relacionadas com o ciclo de vida empresa que afetam o desempenho da empresa. Segundo a autora estas contribuições tem o intuito de beneficiar tanto investidores, como credores, auditores, analistas, reguladores e pesquisadores.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. Delineamento da pesquisa

Para analisar a relação entre desempenho financeiro, evidenciado pelo modelo CAMELS, e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito, foi proposto uma pesquisa descritiva quanto aos objetivos. Segundo Gil (2008) a pesquisa descritiva tem o objetivo de descrever características de determinada população ou fenômeno ou as relações entre as variáveis.

Em relação aos procedimentos, a pesquisa caracteriza-se como documental, na qual a natureza das fontes conta com materiais sem tratamento analítico, ou que ainda podem ser reproduzidos de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL,2008). A referida pesquisa vai se utilizar de demonstrações contábeis das cooperativas de crédito do Brasil, no intuito de descrever o fenômeno estudado onde a descrição do evento decorreu pela utilização das demonstrações financeiras publicadas pelas cooperativas de crédito através do relatório anual do ano de 2015.

Por fim, a abordagem do problema é de cunho quantitativo. Conforme Richardson e Peres (1999), a abordagem quantitativa é identificada pela quantificação na coleta de informações, no procedimento por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas.

#### 3.2. Procedimento de coleta de dados

A população da pesquisa será composta pelas cooperativas de crédito brasileiras. O universo de pesquisa compreenderá as 100 maiores cooperativas de crédito, de acordo com o *ranking* do BACEN no ano de 2014. No estabelecimento do *ranking*, o BACEN (2014) considera o ativo total, total de crédito, total de depósitos, patrimônio líquido e número de associados, como base para a classificação das cooperativas.

O critério de escolha da amostra considerou o acesso aos seguintes relatórios: balanço patrimonial, demonstração do resultado do exercício e fluxo de caixa. A amostra pesquisada compreendeu 40 cooperativas de crédito.

O modelo CAMELS foi utilizado como base para identificar os indicadores utilizados para evidenciar o desempenho financeiro das cooperativas de crédito pesquisadas. Os cálculos são evidenciados no quadro 4.

#### Quadro 4 – Indicadores de desempenho do modelo CAMELS

CATEGORIA	EQUAÇÃO
<b>C</b>	Estrutura de Capital= Patrimônio Líquido/ Ativo total
	Composição do endividamento = Passivo Circulante/Passivo exigível
<b>A</b>	Operação de crédito= Prov. De crédito liquidação duvidosa/ativo total
	Risco de crédito = Prov. Crédito liquidação duvidosa/Operação de cred.bruta
<b>M</b>	Retorno de receitas = Receita total/ Ativo Total
	Gestão de despesas = Despesas Operacionais/ Ativo Total
<b>E</b>	Retorno Patr. Líquido = Patrimônio Líquido/ Patrimônio Líquido
<b>L</b>	Retorno Ativo = Sobra Líquida/ Ativo Total
<b>S</b>	MKCA= Valores Mob. Em carteira/Ativo total
	MKCK= Valores mob. Em carteira/ Empréstimo total

C = Capital; A = Ativo; M = Gerenciamento; E = Eficiência; L = liquidez; S = Sensibilidade

Fonte: Autora, (2016).

A seleção dos indicadores considerou a proposta de Dal Magro (2015), na qual foi elaborada uma simplificação e redução no número de indicadores propostos inicialmente pelo modelo CAMELS, a partir da verificação e observação da aplicabilidade dos referidos indicadores na avaliação do desempenho das cooperativas de crédito.

Para a classificação do ciclo de vida organizacional foi adotado o método de classificação proposto por Dickinson (2010), cujo modelo é baseado numa informação contábil que abrange diversos aspectos da geração de fluxo de caixa da organização.

Os dados referentes aos fluxos de caixa foram extraídos das demonstrações de fluxo de caixa publicadas no relatório anual de 2015 de cada cooperativa pesquisada. Conforme composição dos fluxos de caixa (Operacional, Investimento e Financiamento), as cooperativas foram alocadas nos diferentes estágios do ciclo de vida organizacional. Cada estágio foi identificado com um número: (1) nascimento; (2) crescimento; (3) maturidade; (4) turbulência; e (5) declínio.



### 3.3. Análise dos indicadores utilizados na pesquisa

Para correlacionar as fases dos ciclos de vida com a metodologia CAMELS foi utilizado a regressão logística multinomial. Segundo Da Costa et al (2014 p.6) a regressão logística multinomial “é utilizada para investigar variáveis dependentes categóricas (superiores a duas categorias), comparando-se múltiplos grupos, a partir de regressões logísticas binárias entre cada grupo e uma classe de referência”.

A regressão logística multinomial analisa variáveis dependentes categóricas (mais de uma categoria), comparando-se diferentes *clusters*, a partir de regressões logísticas binárias entre cada grupo, e uma classe de referência. Dessa forma, são verificadas as probabilidades de classificação das observações em cada grupo por meio da razão de chances.

A regressão logística multinomial, diferentemente de outros métodos estatísticos, tais como a regressão linear múltipla ou análise discriminante, não implica em premissas de normalidade, linearidade e homocedasticidade.

O modelo logístico multinomial procurou identificar em que estágios de ciclo de vida organizacional os indicadores de desempenho financeiro estão presentes e estimar a probabilidade de que venham a se enquadrar nos seus respectivos ciclos de vida.

Na regressão logística multinomial, alguns indicadores verificam a adequação do modelo para utilização da técnica. O teste de loglikelihood (-2ll) é um dos métodos mais utilizados para verificar-se a qualidade de ajuste do modelo, o qual consiste ao comparar-se o modelo apenas com o intercepto ao modelo com as variáveis. Sendo do tipo quanto menor melhor. Ou seja, o modelo nulo, conforme evidenciado pelos coeficientes menores para -2LL e estatisticamente significativos, são confrontados com o índice modelo completo, buscando-se encontrar o referido índice menor que o modelo nulo e dentro de um valor de significância estatística determinado pelo pesquisador.

A existência de uma relação entre as variáveis dependente e a combinação de variáveis independentes é corroborada pelo teste Chi-quadrado ao constatar seu p-value inferior a 1%, indicando que o modelo como um todo é significativo, existindo pelo menos uma variável independente significativa. Os pseudo-R<sup>2</sup> de Cox e Snell, Nagelkerke e McFadden conferem relativo poder de discriminação ao modelo,

demonstrando a capacidade de explicação da variável dependente (ciclo de vida) pelas variáveis independentes (indicadores de desempenho).

Na análise dos resultados, cada variável é analisada quanto ao sinal dos coeficientes de determinação beta (B) e sua significância (p-valor). Ou seja, cada indicador apresentará determinado nível de significância, considerando que o modelo apresente-se válido. Nesse caso, o sinal do beta (B) irá determinar a inferência do indicador na categoria (estágio de ciclo de vida) que ele está sendo analisado. Por exemplo, na análise das cooperativas presentes no estágio de nascimento, quando comparadas ao estágio de maturidade (categoria de referência): quando o sinal do beta (B) for positivo, significará que quanto maior for o referido indicador, maior será a probabilidade do mesmo estar presente nas cooperativas que foram classificadas no estágio de nascimento. O inverso caso o sinal do beta (B) fosse negativo, indicará que o referido índice de desempenho, quanto maior nas cooperativas classificadas na maturidade menor a probabilidade de estarem presentes no estágio de nascimento.

## 4. ANALISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Caracterização das sociedades cooperativas

Para melhor caracterização das cooperativas de crédito pesquisadas, foi segmentado por região as seguintes informações: o número de associados, as operações de crédito e resultados. Das referidas cooperativas pesquisadas não há nenhuma cooperativa de crédito na região norte. A seguir a tabela 1 apresenta as referidas informações.

**Tabela 01 – Número de associados das cooperativas por regiões**

REGIÃO	% de Cooperativas por região	Números de associados	% associados
SUL	62.5	1.733.869	77.4
SUDESTE	17.5	225.336	10.1
CENTRO OESTE	17.5	271.103	12.1
NORDESTE	2.5	10.821	0.5
Total	100	2.241.129	100.0

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se que o percentual de associados possui uma maior concentração (77,4%) na região sul, o que corresponde a um número significativo visto que em outras regiões este número não ultrapassa de 12.1 %, conforme tabela 01.

A seguir a tabela 2 demonstra a representatividade de operações de crédito das cooperativas pesquisadas em cada região, ou seja, é uma representatividade econômica caracterizada por uma movimentação financeira comparado a um número de associados.

**Tabela 02 - Operações de crédito das cooperativas por regiões**

REGIÃO	% de coop por região	Operação de crédito	% Operações de crédito
SUL	62.5	R\$ 14,226,639,794.00	60.4
SUDESTE	17.5	R\$ 5,862,500,838.00	24.9
CENTRO OESTE	17.5	R\$ 2,865,693,447.00	12.2
NORDESTE	2.5	R\$ 602,344,000.00	2.6
Total	100	R\$ 23,557,178,079.00	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Em operações de crédito, a região sul se destacam com uma representatividade de 60.4% das operações de crédito, seguida pela região sudoeste com 24.9% e logo após centro oeste com 12.2%. Observou-se que a região sudoeste possui menos associados que a região centro oeste e no entanto em operações de crédito possui o dobro de representatividade que a região centro oeste.

Embora as cooperativas não apresentem societariamente uma redação legal voltada para o lucro, haja vista suas peculiaridades societárias, o resultado delas é de extrema relevância. A sinergia de seus ativos impulsionam resultados, que promovem seu crescimento e distribuição para os associados. Esse dado foi observado na caracterização das cooperativas pesquisadas (tabela 03).

**Tabela 03 - Resultado das cooperativas por regiões**

REGIÃO	% de cooperativas por região	Resultado/ sobras	% Resultado/ Sobras
SUL	62.5	R\$ 1,241,815,535.00	56.2
SUDESTE	17.5	R\$ 641,370,022.00	29.0
CENTRO OESTE	17.5	R\$ 282,344,031.00	12.8
NORDESTE	2.5	R\$ 45,089,000.00	2.0
<b>Total</b>	100	R\$ 2,210,618,588.00	100.0

Fonte: Dados da pesquisa

As cooperativas pesquisadas chegam a ultrapassar a quantia de R\$ 2 milhões (tabela 3). A região sul representa mais que a metade dos resultados, com um percentual de 56.2% demonstrando uma forte representatividade. A região sudoeste apresentou 29% dos resultados, segunda maior fatia.

#### 4.2 Estágio de ciclo de vida das cooperativas

A classificação das cooperativas de crédito pesquisadas conforme aos respectivos estágios de ciclo de vida organizacional ocorreu por meio do modelo de ciclo de vida proposto por Dickson (2010). A tabela 04 apresenta o número de cooperativas classificadas em cada estágio, de acordo com o referido modelo.

**Tabela 04 – Classificação dos estágios de ciclo de vida das cooperativas de crédito estudadas.**

ESTÁGIOS	Números de cooperativas	% Número de cooperativas
Nascimento	2	5

<b>Crescimento</b>	16	40
<b>Maturidade</b>	16	40
<b>Rejuvenescimento</b>	6	15
<b>Declínios</b>	0	0
<b>Total</b>	40	100

Fonte: Dados da pesquisa

Observou-se (Tabela 04) que as maiores representatividade ocorrem nos estágios de crescimento e maturidade ambas representando 80% da amostra.

Duas cooperativas foram identificadas no estágio de nascimento, são elas: Sicredi Iguaçu Pr/ Sc e Sicredi Norte RS/SC. Nenhuma cooperativa da amostra enquadrou-se no estágio de declínio. Seis cooperativas foram classificadas no estágio de rejuvenescimento sendo elas: Sicoob Maxicredito, Sicredi Celeiro do MT, Sicredi das culturas RS, Sicredi Rio RJ, Sicredi Vale do Taquari RS, e Sicredi Zona Sul RS.

Cada estágio possui um conjunto de características organizacionais específicas e dentre as referidas características, estão os mecanismos de desempenho financeiro. A seguir, são caracterizados os mecanismos de CAMELS dentro de cada estágio de ciclo de vida organizacional.

### 4.3 Desempenho financeiro das cooperativas de crédito pesquisadas

#### 4.3.1 Adequação capital

Com a relação do modelo CAMELS o indicador adequação de capital indica o quanto uma cooperativa está comprometendo seu capital em relação ao seu endividamento a curto prazo, cuja análise se dá quanto menor for o índice melhor o seu resultado. A seguir a tabela 05 ilustra o resultado dessa análise, com uma média por região.

**Tabela 05- Adequação capital cooperativas de crédito**

<b>Adequação de Capital</b>			
<b>REGIÃO</b>	<b>% de cooperativa por região</b>	<b>Média Estrutura de capital</b>	<b>Média da Composição do endividamento</b>
<b>SUL</b>	62.5	0,19	0.70
<b>SUDESTE</b>	17.5	0.31	0.78
<b>CENTRO OESTE</b>	17.5	0.33	0.79
<b>NORDESTE</b>	2.5	0.19	0.45

<b>Total</b>	100		
--------------	-----	--	--

Fonte: Dados da pesquisa.

A seguir (Tabela 05) são apresentadas as médias da estrutura de capital das cooperativas pesquisadas, a considerar ser a representatividade do capital próprio dos cooperados em relação ao patrimônio da cooperativa. As regiões Sul e Nordeste possuem aproximadamente 19% do seu patrimônio, pertencente aos cooperados. As cooperativas situadas na região Sudeste e Centro Oeste demonstraram uma maior representatividade, ou seja, em média o capital próprio (patrimônio líquido) das referidas cooperativas representam aproximadamente 32% do patrimônio total. Ou seja, as cooperativas situadas nas regiões sudeste e centro oeste possuem maior capitalização própria.

Com relação a composição do endividamento (tabela 5), em que demonstra o comprometimento da cooperativa com a representatividade das dívidas de curto prazo em relação as dívidas totais com terceiros. As cooperativas situadas no Nordeste apresentam uma média de 45% de suas dívidas com terceiros, comprometidas no curto prazo. O referido percentual é baixo, quando comparado com o restante da amostra, em que aproximadamente uma média 75% das dívidas com terceiros são de curto prazo, o que demonstra uma necessidade administração permanente do fluxo de caixa dessas cooperativas.

#### 4.3.2 Qualidade dos Ativos

O índice qualidade dos ativos indica uma qualidade da carteira de crédito de cada instituição financeira.

A seguir a tabela 6 melhor ilustra a qualidade dos ativos das cooperativas de crédito estudadas.

**Tabela 06 – Qualidade dos ativos das cooperativas de crédito**

<b>Qualidade dos Ativos</b>			
<b>Região</b>	<b>% de Cooperativas por região</b>	<b>Média Operação de Crédito</b>	<b>Média Risco de Crédito</b>
<b>Sul</b>	62.5	0.03	0.065
<b>Sudeste</b>	17.5	0.03	0.064
<b>Centro Oeste</b>	17.5	0.03	0.067
<b>Nordeste</b>	2.5	0.024	0.059
<b>Total</b>	100		

Fonte: dados da pesquisa.

Para analisar qualidade dos ativos, dois indicadores podem contribuir. O primeiro, relacionando as operações de crédito ao patrimônio. Outro, seria por meio da representatividade do provisionamento do risco de crédito em relação ao total das operações de crédito (carteira).

Percebeu-se (tabela 6) um maior provisionamento de riscos nas cooperativas situadas na centro oeste , com um média de 6,70%. As cooperativas presentes nas regiões sudeste e sul apresentaram médias entre 6% e 7%. Destacou-se positivamente, em termos de qualidade, as cooperativas situadas na região nordeste, cujo percentual de provisionamento de riscos em relação ao patrimônio foi de 2,4%, ao passo que o provisionamento da carteira de crédito acompanhou a média das demais cooperativas que compuseram a amostra, ficando em 5,9%.

#### 4.3.3 Qualidade da gestão (M)

A qualidade da gestão aponta a eficiência dos gestores em administrar seu patrimônio. A tabela 7 ilustra a qualidade na gestão das cooperativas de crédito.

**Tabela 07 – Qualidade da gestão das cooperativas estudadas**

Qualidade da Gestão			
Região	% de cooperativas por região	Média Retorno de Receitas	Média Gestão de despesas
Sul	62.5	0.11	0.3
Sudeste	17.5	0.12	0.35
Centro Oeste	17.5	0.11	0.3
Nordeste	2.5	0.12	0.2
Total	100		

Fonte: dados da pesquisa.

A lucratividade (retorno das receitas) das cooperativas pesquisadas foi entre 11 % e 12%, não havendo disparidade. No tocante as representatividade das despesas, em média as cooperativas estudadas na região sul e centro oeste apresentaram um percentual de 30%, a região sudeste teve destaque nas despesas apresentando um percentual de 35%, e a região nordeste com percentual de 20%.

#### 4.3.4 Resultado (E) e Liquidez (L)

A seguir (tabela 8) são apresentados as médias oriundas dos indicadores que contribuem para uma análise do resultado das cooperativas pesquisadas. Os indicadores verificados foram retorno sobre o patrimônio líquido. Com relação a liquidez, seu propósito é averiguar quanto a cooperativa de crédito dispõe em moeda corrente na atualidade, para cumprir com suas obrigações financeiras. Partindo da interpretação de que os o patrimônio deve gerar benefícios futuros que permitam a sustentabilidade de uma organização, foi utilizado o retorno sobre o ativo, como indicador para refletir a liquidez. Os resultados são apresentados na tabela 8.

Tabela 08 – Resultado das cooperativas de crédito

Região	Resultado		
	% de Cooperativas por região	Média Retorno Patrimônio Líquido	Média Retorno do Ativo
Sul	62.5	0.14	0.03
Sudeste	17.5	0.14	0.03
Centro Oeste	17.5	0.12	0.027
Nordeste	2.5	0.15	0.032
Total	100		

Fonte: dados da pesquisa.

A média do retorno do Patrimônio líquido apresentado pelas cooperativas analisadas demonstram uma média uniforme, com índices de aproximadamente 14%, ficando as cooperativas situadas na região centro oeste, um pouco abaixo, com 12%. No tocante a média do retorno do ativo, foi de aproximadamente 3%, sem apresentarem disparidades em relação a esse percentual.

#### 4. 3.5 Sensibilidade de risco de mercado (S)

A sensibilidade do risco de mercado compreende a capacidade de gerenciamento do risco, então quanto menor o risco melhor para as cooperativas estudadas. Dois indicadores foram utilizados, ambos considerando a relação do investimentos em valores mobiliários. Entretanto, uma primeira relação considera o ativo e outra (segundo indicador) relaciona empréstimos totais. Na tabela 09 observa-se o resultado.

Tabela 09 – Sensibilidade de risco de mercado das cooperativas de crédito

Sensibilidade risco de mercado



Região	% de cooperativas por região	MKCA	MKCK
Sul	62.5	0.022	0.14
Sudeste	17.5	0.022	0.14
Centro Oeste	17.5	0.023	0.14
Nordeste	2.5	0	0
Total	100		

Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se na tabela 10 que as cooperativas apresentaram uma média entre 2,2% a 2,3% em relação ao índice que relaciona o investimento em valores mobiliários com o patrimônio. O indicador que relaciona o mesmo ativo com empréstimos, apresenta uma similaridade entre os resultados. As cooperativas situadas na região sul, sudeste, centro oeste apresentaram uma média de 14%.

#### 4.4 Relação de indicadores de desempenho financeiro e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito.

Nesta seção serão apresentados os resultados da análise da relação existentes entre os indicadores extraídos a partir do modelo CAMELS e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito pesquisadas. Na tabela 10 estão evidenciados os resultados obtidos a partir da aplicação das regressões logísticas multinomiais.

**Tabela 10 – Informações de ajustes do modelo multinomial**

Modelo	Critérios de ajuste de modelo	Testes de razão de verossimilhança		
	Verossimilhança de log -2	Qui-quadrado	GI	Sig.
Modelo nulo	93.391			
Modelo completo	38.291	55.100	30	0.003
<b>Pseudo R<sup>2</sup> de Nagelkerke</b>		<b>0.828</b>		
<b>Pseudo R<sup>2</sup> de Cox e Snell</b>		<b>0.748</b>		
<b>Pseudo R<sup>2</sup> de McFadden</b>		<b>0.590</b>		
<b>Painel B – Testes de razão de verossimilhança</b>				
Efeito	Critérios de ajuste de modelo	Testes de razão de verossimilhança		

	-2LL do modelo reduzido	Qui- quadrado	gl	Sig.
Constante	57.126	18.836	3	0.00
Estrutura de capital	46.684	8.393	3	0.039
Composição de Endividamento	46.505	8.215	3	0.042
Operação de crédito	40.394	2.104	3	0.551
Risco de Crédito	41.040	2.749	3	0.432
RetornoReceitas1	49.487	11.197	3	0.011
RetornoReceitas2	46.982	8.691	3	0.034
Retorno Patr.Líquido	52.904	14.613	3	0.002
Retorno ativo	49.291	11.001	3	0.012
MKCA	47.601	9.311	3	0.025
MKCK	47.145	8.855	3	0.031

Fonte: dados da pesquisa

O modelo completo mostrou um melhor ajuste que o modelo nulo, conforme evidenciado pelos coeficientes menores para -2LL e estatisticamente significativos.

Verificou-se a existência de uma relação entre os diferentes estágios de ciclo de vida organizacional e os indicadores financeiros utilizados como variáveis independentes, conforme evidenciado pelo teste qui quadrado de 3% (p-value), ou seja, menor que 5% demonstrando a existência de pelo menos uma variável é significativa.

Os pseudo-R<sup>2</sup> de Cox e Snell (74%), Nagelkerke (82%) e McFadden (59%) conferem relativo poder de discriminação ao modelo, demonstrando a capacidade de explicação da variável dependente (ciclo de vida) pelas variáveis independentes (indicadores financeiros).

A seguir, com base nas variáveis coletadas, apresentam-se os resultados da aplicação de um modelo de regressão logística multinomial a fim testar os potenciais determinantes da probabilidade de classificação das cooperativas pesquisadas, em cada estágio do ciclo de vida (Nascimento, Crescimento, Maturidade, Turbulência e Declínio)

Cada variável é analisada quanto ao sinal dos coeficientes de determinação beta (B) e sua significância (p-valor). Os resultados são apresentados a seguir.

O primeiro grupo de referência é o estágio de ciclo de vida organizacional nascimento. Os dados são evidenciados na Tabela 11.

**Tabela 11 – Coeficientes do modelo logístico multinomial – Grupo de referencia Nascimento**

CVO <sup>a</sup>	B	Sig.	Exp(B)
------------------	---	------	--------

CRESCIMENTO	Interceptação	122.881	.958	
	Estrutura de capital	-46.611	.999	5.714E-21
	Composição de Endividamento	.150	.995	1.162
	Operação de crédito	-1150.849	.990	0.000
	Risco de Crédito	1162.192	.977	. <sup>b</sup>
	Retorno Receitas	-543.543	.990	8.758E-237
	Despesas	-745.878	.996	0.000
	Retornos Patr. Líquido	-927.395	.854	0.000
	<b>Retornos ativo</b>	<b>3911.428</b>	<b>.000*</b>	. <sup>b</sup>
	MKCA	81.033	1.000	1.56E+35
	MKCK	-37.560	.998	4.875E-17
MATURIDADE	Interceptação	94.062	.968	
	Estrutura de capital	52.004	.998	3.85E+22
	Composição de Endividamento	.188	.994	1.207
	Operação de crédito	-1185.315	.990	0.000
	Risco de Crédito	1208.931	.976	. <sup>b</sup>
	Retorno Receitas	-525.667	.990	5.076E-229
	Despesas	-729.198	.996	0.000
	Retornos Patr. Líquido	-778.459	.877	0.000
	<b>Retornos ativo</b>	<b>3278.363</b>	<b>.000*</b>	. <sup>b</sup>
	MKCA	124.440	.999	1.11E+54
	MKCK	-44.938	.998	3.046E-20
REJUVENESCIMENTO	Interceptação	101.697	.965	
	Estrutura de capital	46.629	.999	1.78E+20
	Composição de Endividamento	.090	.997	1.094
	Operação de crédito	-915.219	.992	0.000
	Risco de Crédito	1188.453	.977	. <sup>b</sup>
	Retorno Receitas	-681.083	.987	1.620E-296
	Despesas	-536.873	.997	6.902E-234
	Retornos Patr. Líquido	-898.397	.858	0.000
	<b>Retornos ativo</b>	<b>3736.904</b>	<b>.000*</b>	. <sup>b</sup>
	MKCA	482.006	.997	2.15E+209
	MKCK	-76.516	.996	5.884E-34

\*\*\* A relação é significativa no nível 10%.

\*\* A relação é significativa no nível 5%.

\* A relação é significativa no nível 1%.

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base nos resultados apresentados na Tabela 11, constatou-se que para o estágio do crescimento, maturidade e rejuvenescimento a variável retorno do ativo mostrou-se significativo e apresentou sinal positivo, representado pelo Beta. Isso indica que quanto maior o retorno do ativo maior a probabilidade de uma cooperativa ser classificada no estágio de crescimento, Maturidade e rejuvenescimento ao invés do estágio de nascimento. Ou seja, revela-se que as cooperativas dos referidos estágios possuem maior retorno do ativo quando comparadas com cooperativas classificadas no nascimento. Portanto, esse resultado aponta que as cooperativas

classificadas no estágio de Nascimento possuem indicadores de retorno do ativo menores quando comparadas com cooperativas classificadas nas demais fases.

A Tabela 12 evidencia os resultados da regressão logística multinomial havendo como referência o crescimento. Os dados são apresentados a seguir.

**Tabela 12 – Coeficientes do modelo logístico multinomial – Grupo de referencia Crescimento**

	<b>CVO<sup>a</sup></b>	<b>B</b>	<b>Sig.</b>	<b>Exp(B)</b>
<b>NASCIMENTO</b>	Interceptação	-131.000	.991	
	Estrutura de capital	42.437	.999	2.692E+18
	Composição de Endividamento	-.165	.997	0.848
	Operação de crédito	1253.669		.b
	Risco de Crédito	-1259.774	.977	0.000
	Retorno Receitas	585.767	.985	2.49E+254
	Despesas	814.319	.993	.b
	Retornos Patr.Líquido	993.857	.986	.b
	Retorno ativo	-4194.525	.988	0.000
	MKCA	-91.561		1.72E-40
	MKCK	41.045	.988	6.694E+17
<b>MATURIDADE</b>	Interceptação	-28.819	.005	
	<b>Estrutura de capital</b>	<b>98.615</b>	<b>.020**</b>	<b>6.73E+42</b>
	<b>Composição de Endividamento</b>	<b>.037</b>	<b>.065***</b>	<b>1.038</b>
	Operação de crédito	-34.467	.733	0.000
	Risco de Crédito	46.738	.167	1.98638E+20
	Retorno Receitas	17.875	.593	5.796E+07
	Despesas	16.681	.696	1.76E+07
	<b>Retornos Patr.Líquido</b>	<b>148.935</b>	<b>.010*</b>	<b>4.81E+64</b>
	<b>Retorno ativo</b>	<b>-633.065</b>	<b>.016**</b>	<b>1.1573E-275</b>
	MKCA	43.407	.644	7.11E+18
	MKCK	-7.378	.686	6.248E-04
<b>REJUVENESCIMENTO</b>	Interceptação	-21.184	.019	
	<b>Estrutura de capital</b>	<b>93.241</b>	<b>.019**</b>	<b>3.12E+40</b>
	Composição de Endividamento	-.061	.378	0.941
	Operação de crédito	235.630	.385	2.15E+102
	Risco de Crédito	26.261	.618	2.53976E+11
	Retorno Receitas	-137.540	.261	1.850E-60
	<b>Despesas</b>	<b>209.005</b>	<b>.090***</b>	<b>5.887E+90</b>
	Retornos Patr.Líquido	28.998	.610	3.92E+12
	Retorno ativo	-174.524	.602	1.60427E-76
	<b>MKCA</b>	<b>400.973</b>	<b>.085***</b>	<b>1.38E+174</b>
	<b>MKCK</b>	<b>-38.956</b>	<b>.087***</b>	<b>1.207E-17</b>

\*\*\* A relação é significativa no nível 10%.

\*\* A relação é significativa no nível 5%.

\* A relação é significativa no nível 1%.

Fonte: Dados pesquisa.

Quando toma-se por referência o estágio de crescimento, os resultados (Tabela 12) analisados para o estágio de maturidade evidenciam um nível de significância para os indicadores estrutura de capital próprio, composição de endividamento,

retorno sobre o patrimônio líquido e retorno sobre o ativo. Em relação a estrutura de capital próprio, composição do endividamento e retorno do patrimônio líquido, as cooperativas classificadas no estágio Maturidade possuem probabilidade de apresentarem maior valor presente nesses indicadores comparando-se as cooperativas em estágio de crescimento.

Outra evidência, em relação ao estágio de maturidade, diz respeito ao indicador retorno do ativo, o qual apresentou sinal negativo do Beta. Isso aponta que as cooperativas classificadas no estágio de maturidade possuem menor retorno do ativo quando comparadas com as cooperativas em estágio de crescimento.

Outras evidências extraídas (Tabela 12) estão relacionadas ao estágio de rejuvenescimento, cujos indicadores estrutura de capital próprio, estrutura de despesas, MKCA e MKCK apresentaram significância, o que permite algumas inferências. Os resultados demonstram que MKCA apresenta maior a probabilidade das cooperativas estarem classificadas no estágio de rejuvenescimento. De outro modo há uma probabilidade de que as cooperativas classificadas no estágio de crescimento possuam indicadores de MKCK maiores que as cooperativas classificadas no estágio de rejuvenescimento, ou seja, a capacidade de gerenciamento dos riscos é maior no estágio de crescimento, ao comparar o investimento em títulos mobiliários com o volume de capital de terceiros. Outrossim, quando o parâmetro é o patrimônio ativo (MKCA), as cooperativas classificadas no estágio de rejuvenescimento apresentam um indicativo de melhor gerenciamento, ou seja, menor exposição a riscos de mercado.

A Tabela 13 descreve os dados referentes à confrontação dos resultados associados aos indicadores de CAMELS, nos diferentes estágios, tendo como referência o estágio da maturidade. A seguir, os resultados.

**Tabela 13– Coeficientes do modelo logístico multinomial – Grupo de referencia Maturidade**

	CVO <sup>a</sup>	B	Sig.	Exp(B)
NASCIMENTO	Interceptação	-102.180	.993	
	Estrutura de capital	-56.178	.999	4.000E-25
	Composição de Endividamento	-.202	.996	.817
	Operação de crédito	1288.136		. <sup>b</sup>
	Risco de Crédito	-1306.512	.976	0.000
	Retorno Receitas	567.892	.985	4.29E+246
	Despesas	797.638	.993	. <sup>b</sup>
	Retornos Patr .Líquido	844.922	.988	. <sup>b</sup>
	Retorno ativo	-3561.460	.990	0.000
	MKCA	-134.969		2.420E-59

	MKCK	48.423	.985	1.07E+21
CRESCIMENTO	Interceptação	28.819	.005	
	<b>Estrutura de capital</b>	<b>-98.615</b>	<b>.020**</b>	<b>1.486E-43</b>
	<b>Composição de Endividamento</b>	<b>-.037</b>	<b>.065***</b>	<b>.963</b>
	Operação de crédito	34.467	.733	9.30E+14
	Risco de Crédito	-46.738	.167	5.034E-21
	Retorno Receitas	-17.875	.593	1.725E-08
	Despesas	-16.681	.696	5.697E-08
	<b>Retornos Patr .Líquido</b>	<b>-148.935</b>	<b>.010*</b>	<b>2.081E-65</b>
	<b>Retorno ativo</b>	<b>633.065</b>	<b>.016**</b>	<b>8.64E+274</b>
	MKCA	-43.407	.644	1.407E-19
MKCK	7.378	.686	1600.570	
REJUVENESCIMENTO	Interceptação	7.636	.119	
	Estrutura de capital	-5.375	.408	.005
	Composição de Endividamento	-.098	.170	.906
	Operação de crédito	270.097	.315	2.00E+117
	Risco de Crédito	-20.478	.667	1.279E-09
	Retorno Receitas	-155.415	.200	3.192E-68
	Despesas	192.325	.111	3.35E+83
	<b>Retornos Patr .Líquido</b>	<b>-119.937</b>	<b>.061**</b>	<b>8.166E-53</b>
	<b>Retorno ativo</b>	<b>458.541</b>	<b>.147</b>	<b>1.39E+199</b>
	MKCA	357.566	.122	1.94E+155
MKCK	-31.578	.246	1.932E-14	

\*\*\* A relação é significativa no nível 10%.

\*\* A relação é significativa no nível 5%.

\* A relação é significativa no nível 1%.

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme os resultados apresentados na Tabela 13, verificou-se que para o estágio do crescimento os mecanismos de retorno do patrimônio líquido, estrutura de capital, retorno do ativo e composição do endividamento são significativos.

O sinal positivo do Beta com relação ao mecanismo de retorno do ativo, indica que o referido mecanismo é mais desenvolvido em cooperativas no estágio de crescimento, quando comparadas com aquelas em estágio de maturidade.

O sinal negativo do Beta, para o mecanismo de estrutura de capital, composição do endividamento e retorno do patrimônio líquido, indica que as cooperativas classificadas no estágio de crescimento apresentam índices de estrutura de capital, composição de endividamento e retorno do patrimônio líquido menores nesse estágio, quando comparadas com cooperativas que estejam no estágio de maturidade.

Outra informação relevante observada na tabela 13 é sobre a variável retorno do patrimônio líquido, com evidência significativa de 10%. O sinal beta negativo deste mesmo indicador demonstra que as cooperativas de crédito classificadas no estágio

de rejuvenescimento apresentam índices menores relativos ao retorno sobre o patrimônio líquido, quando comparadas as cooperativas classificadas no estágio de maturidade.

Os resultados tendo como referência o estágio do rejuvenescimento são apresentados a seguir (Tabela 14).

**Tabela 14 – Coeficientes do modelo logístico multinomial – Grupo de referência Rejuvenescimento**

CVO <sup>a</sup>		B	Sig.	Exp(B)
Nascimento	Interceptação	-109.816	.993	
	Estrutura de capital	-50.804	.999	8.635E-23
	Composição de Endividamento	-.104	.998	.901
	Operação de crédito	1018.039		.b
	Risco de Crédito	-1286.035	.977	0.000
	Retorno Receitas	723.307	.981	.b
	Despesas	605.313	.995	7.6599E+262
	Retornos Patr.Líquido	964.859	.986	.b
	Retorno ativo	-4020.001	.988	0.000
	MKCA	-492.534		1.245E-214
MKCK	80.001	.976	5.55E+34	
Crescimento	Interceptação	21.184	.019	
	<b>Estrutura de capital</b>	<b>-93.241</b>	<b>.019**</b>	<b>3.207E-41</b>
	Composição de Endividamento	.061	.378	1.063
	Operação de crédito	-235.630	.385	4.65E-103
	Risco de Crédito	-26.261	.618	3.937E-12
	RetornoReceitas1	137.540	.261	5.405E+59
	<b>Despesas</b>	<b>-209.005</b>	<b>.090***</b>	<b>1.699E-91</b>
	Retornos Patr.Líquido	-28.998	.610	2.548E-13
	Retorno ativo	174.524	.602	6.23E+75
	<b>MKCA</b>	<b>-400.973</b>	<b>.085***</b>	<b>7.239E-175</b>
<b>MKCK</b>	<b>38.956</b>	<b>.087***</b>	<b>8.29E+16</b>	
Maturidade	Interceptação	-7.636	.119	
	Estrutura de capital	5.375	.408	215.853
	Composição de Endividamento	.098	.170	1.103
	Operação de crédito	-270.097	.315	4.99E-118
	Risco de Crédito	20.478	.667	7.821E+08
	RetornoReceitas1	155.415	.200	3.133E+67
	Despesas	-192.325	.111	2.98E-84
	<b>Retornos Patr.Líquido</b>	<b>119.937</b>	<b>.061***</b>	<b>1.225E+52</b>
	Retorno ativo	-458.541	.147	7.21E-200
	MKCA	-357.566	.122	5.14E-156
MKCK	31.578	.246	5.176E+13	

\*\*\* A relação é significativa no nível 10%.

\*\* A relação é significativa no nível 5%.

\* A relação é significativa no nível 1%.

Fonte: dados da pesquisa.

Com base nos resultados apresentados na Tabela 14, constatou-se que, para o estágio do crescimento, os mecanismos de estrutura de capital, despesas, MKCA e MKCK, são significativos considerando de nível de significância de 5% a 10%.

A estrutura de capital, despesas, e MKCA apresentaram um sinal negativo, representado pelo Beta, o que indica que as cooperativas classificadas no estágio de crescimento apresentam índices menores, quando comparadas com cooperativas que estejam no estágio de rejuvenescimento.

Já o mecanismo de MKCK, apresentou um sinal de beta positivo, sinalizando que as cooperativas classificadas no estágio de crescimento apresentam um melhor gerenciamento de riscos frente ao mercado, quando comparadas com as cooperativas que estão no estágio de rejuvenescimento.

No estágio da maturidade o resultado indica que índice retorno do patrimônio líquido é menor, conforme demonstrado pelo sinal negativo do Beta, nas cooperativas em estágio da maturidade, quando comparadas com cooperativas em estágio de rejuvenescimento.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo analisar a relação entre desempenho financeiro e os estágios de ciclo de vida organizacional das cooperativas de crédito brasileiras.

No anseio de alcançar a proposta de estudo, realizou-se uma pesquisa documental, identificando indicadores associados a metodologia de CAMELS para avaliar o desempenho financeiro das cooperativas de crédito brasileiras. Os estágios de ciclo de vida organizacional foram determinados a partir da metodologia proposta por Dickson (2010).

No intuito de caracterizar o modelo das sociedades cooperativas de crédito brasileiras, fez-se uma breve revisão de literatura no anseio de referenciar conceitos e princípios. Posteriormente, caracterizou-se as cooperativas de crédito que compuseram a amostra pesquisada, o que permite algumas observações na perspectiva de olhar os reflexos empíricos do modelo das cooperativas pesquisadas.

De acordo com DEORF, (Departamento de Organização do Sistema Financeiro do BACEN) o número de associados das cooperativas de crédito no Brasil tem crescido muito nos últimos 5 anos, com uma filiação média de 876 mil associados por ano. Nos primeiros quatro meses de 2016 as cooperativas de crédito conseguiram 367.746 novos associados, alcançando 8,7 milhões de associados.

O número de associados da amostra pesquisada foi de 2.241.129 (Dois milhões duzentos e quarenta e um mil cento e vinte e nove), cuja representatividade dentro do mercado brasileiro é de aproximadamente 25%. Cabe ressaltar que 62,5% destes associados estão concentrados na região Sul.

Segundo Banco Central (2015) o saldo total das operações de crédito do sistema financeiro atingiu R\$ 3.3 trilhões em outubro de 2015. As cooperativas pesquisadas evidenciaram um montante de operações de crédito na ordem de 23.5 bilhões, ou seja uma pequena fatia (0,7%) das operações de crédito de todas instituições financeiras do Brasil.

Segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2015) as 5 maiores instituições financeiras do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Itaú, Banco do Brasil e Santander somam um resultado de 69.8 bilhões de reais em 2015. Já as cooperativas da amostra pesquisada evidenciaram um resultado de R\$ 2.2 bilhões em 2015, representando assim 3 %. A

representatividade pode ser explicada pelo tamanho da amostra, haja vista que não contempla todo o Sistema Cooperativo de Crédito (SCC). O referido sistema contempla: Sistema Confessol; Sistema Sicredi; Sistema Sicoob; e Sistema Unicred. Salientando, que resultado líquido das cooperativas estudadas já descontou as participações dos resultados repartidas proporcionalmente com seus associados e colaboradores.

A classificação das cooperativas de crédito aos seus respectivos estágios de ciclo de vida organizacional constatou que o maior número de cooperativas encontra-se nos estágios de crescimento (40%) e maturidade (40%), ambas representando 80% da amostra. As referidas fases possuem características de desenvolvimento (crescimento) e equilíbrio (maturidade).

Apenas duas cooperativas foram identificadas no estágio de nascimento, demonstrando assim a pouca representatividade de novas cooperativas adentrando no mercado financeiro. No estágio de rejuvenescimento foram classificadas apenas 15% da amostra. Nesta amostra não possuiu nenhuma cooperativa que se enquadrou no estágio de declínio. Os resultados podem ter sido fruto do baixo número de cooperativas estudadas.

As variáveis explicativas ficaram por conta do desempenho caracterizado pelos indicadores financeiros propostos no modelo CAMELS. Definidos os referidos indicadores e coletados nas respectivas bases de dados documentais, foi possível retratar aspectos analíticos a cerca das cooperativas pesquisadas.

Se tratando do índice de adequação do capital, verificou-se um alto índice comprometido com dívidas de terceiros demonstrando uma fragilidade de seu capital, pois está comprometendo três quartos de seu patrimônio em curto prazo.

A qualidade dos ativos se mostrou positiva, uma vez que se trata da qualidade de sua carteira comparada com suas provisões. Os resultados foram números baixos na região centro oeste, com um média de 6,70%. As cooperativas presentes nas regiões sudeste e sul apresentaram médias entre 6% e 7%. Em termos de qualidade, as cooperativas situadas na região nordeste obtiveram um destaque com percentual de provisionamento de riscos em relação ao patrimônio de 2,4%, enquanto o provisionamento da carteira de crédito acompanhou a média das demais cooperativas que compuseram a amostra, ficando em 5,9%.

Refletindo sobre resultado e liquidez analisa-se o retorno de patrimônio líquido e também a própria liquidez. As cooperativas pesquisadas obtiveram uma média de

retorno sobre o patrimônio líquido de 14% e uma liquidez de 3%. O resultado vem ao encontro do índice de adequação ao capital que já foi observado alto índice de endividamento a curto prazo, logo a liquidez dessas cooperativas pode ser fragilizada.

Observando a sensibilidade do risco de mercado, foi comparado valor mobiliário com ativo e valor mobiliário com empréstimos. No primeiro índice as cooperativas mostram a uma média de 2,3%, já na comparação com os empréstimos as cooperativas os resultados evidenciaram uma média de 14%, mostrando uma possível sensibilidade, uma vez que quanto menor o índice melhor. Em outras palavras, o valor mobiliário versus empréstimo, significa que as cooperativas possuem 14% de seu patrimônio comprometido em crédito.

Os resultados obtidos pela aplicação do modelo logístico multinomial, ao verificar a relação entre o desempenho das cooperativas de crédito pesquisadas e os diferentes estágios de ciclo de vida organizacional, permitiu a inferência a respeito de alguns indicadores financeiros.

A pesquisa apontou que as cooperativas de crédito em estágio de crescimento possuem maiores índices de ROA, demonstrando um melhor desempenho dos seus ativos. Observando-se o comportamento do RPL verifica-se que as cooperativas classificadas no estágio de maturidade possuem um maior RPL, quando comparadas com aquelas em estágio de crescimento e rejuvenescimento.

Analisando-se os indicadores de retorno percebe-se uma característica de ascensão iniciada nas primeiras fases (ROA) e solidificada no estágio de maturidade (RPL).

No tocante a estrutura de capital (EC) e ao endividamento (CE), verifica-se uma menor relevância no estágio de crescimento, se comparado ao estágio de maturidade.

Em relação a exposição aos riscos de mercado, as inferências só podem ser feitas em relação a dois estágios: crescimento e rejuvenescimento. Verificou-se que as cooperativas classificadas no estágio de crescimento apresentam um melhor gerenciamento de riscos frente ao mercado, quando comparadas com as cooperativas que estão no estágio de rejuvenescimento.

Conclui-se que os indicadores propostos pelo modelo CAMELS podem ser relacionados com as características organizacionais das cooperativas de crédito brasileiras. Os resultados permitem inferências que podem contribuir com a análise da eficiência no desempenho das cooperativas ao longo de sua trajetória de vida.

Por fim, é preciso ressaltar que o número de cooperativas a que se teve acesso no decorrer do período em que se realizou a pesquisa, foi um fator limitante. Desse modo, a limitação ao número de observações podem ter sido a justificativa para encontrar poucas observações no estágio de nascimento e nenhuma observação do estágio de declínio. Outros estudos podem vir a suprir a referida lacuna, ampliando a amostra e observando outras *proxies*, tanto para as variáveis independentes quanto para a construção da variável ciclo de vida.

## REFERENCIA

ALMEIDA, A. S.; LUZ, A. T. M. **Associação entre Ciclo de Vida e Estrutura do Sistema de Controle Gerencial**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS, 4., 2010, Natal (RN).

BARROSO, M. F. G. **Distribuição de resultados e desempenho de cooperativas de crédito**: estudo comparativo no Estado de São Paulo. 2009. Dissertação (Mestrado). Ribeirão Preto: USP, 2009.

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN. FAQ – **Cooperativas de Crédito**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?COOPERATIVASFAQ>> Acesso em: 30 abril 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN.  
[http://www.bcb.gov.br/pre/microFinancas/arquivos/horario\\_arquivos/trab\\_50.pdf](http://www.bcb.gov.br/pre/microFinancas/arquivos/horario_arquivos/trab_50.pdf). Acesso em 10 de maio de 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL- BACEN  
<http://www.bcb.gov.br/Adm/sobre/port/regimentointerno.asp>. Acesso em 20 de maio 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN.  
[http://www.bcb.gov.br/Fis/seminarios/CoopBasileiall/2\\_Supervisao\\_Coop\\_Contexto\\_de\\_Bll.pdf](http://www.bcb.gov.br/Fis/seminarios/CoopBasileiall/2_Supervisao_Coop_Contexto_de_Bll.pdf). Acesso em 03 de junho, 2016.

BÚRIGO, F. L. (2006). **Finanças e solidariedade**: uma análise do cooperativismo de crédito rural solidário no Brasil.

BRESSAN, V. G. F. et al. **Uma aplicação do sistema PEARLS às cooperativas de crédito brasileiras**. Revista de Administração, v. 46, n. 3, 2011.

BRESSAN, V. G. F.; BRAGA, M. J.; BRESSAN, A. A.; RESENDE-FILHO, M. A. Avaliação de insolvência em cooperativas de crédito: uma aplicação do sistema PEARLS. **Revista Adm. Mackenzie - RAM**, v. 12, n. 2, p. 113-144, mar./abr., 2011.

BRESSAN, V. G. F.; BRAGA, M. J.; BRESSAN, A. A. **Avaliação financeira das cooperativas de crédito rural do estado de Minas Gerais**. Organizações Rurais & Agroindustriais, v. 5, n. 2, 2003.

CAPELETTO L. R. **Mensuração do risco sistêmico no setor bancário com utilização de variáveis contábeis e econômicas**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CAMARGOS, M. A.; BARBOSA, F. V. **análise do desempenho econômico-financeiro e da criação de sinergias em processos de fusões e aquisições no mercado brasileiro ocorridos entre 1995 e 1999**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 99-115, 2005.

CAPELETTO L. R. **Mensuração do risco sistêmico no setor bancário com utilização de variáveis contábeis e econômicas**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Cartilha Banco central. PINHEIRO M.A.H. **Cooperativas de crédito: história da evolução normativa do Brasil**. Brasília, 6<sup>o</sup> edição, 2008.

DAMBROS, M. A.; LIMA, J. F.; FIGUEIREDO, A. M. **Sistema Cooperativo De Crédito Sicredi: Um Estudo Da Eficiência Das Cooperativas Do Paraná**. Gestão & Regionalidade, v. 25, n. 74, 2009.

DAL MAGRO, C.B.; **Análise da eficiência no desempenho financeiro das cooperativas de crédito brasileiras**. Blumenau-SC, 2015.

DICKINSON, V. "Cash Flow Patterns as a Proxy for Firm Life Cycle." Working paper, University of Florida, Novembro, p. 1-31, 2010.

**DIEESE Bancos freiam crédito, reduzem agências e cortam postos de trabalho mas lucros seguem elevados**. São Paulo, 2015

DA SILVA, J. P. **Análise financeira das empresas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

DA COSTA FERREIRA, C.; DA SILVA MACEDO, M. A. **Desempenho financeiro de curto prazo no setor brasileiro de telecomunicações**. Revista Pretexto, v. 12, n. 4, 2011.

Ferreira, M. A. M., Gonçalves, R. M. L., & Braga, M. J. (2007). **Investigação do desempenho das cooperativas de crédito de Minas Gerais por meio da Análise Envoltória de Dados (DEA)**. Economia Aplicada, 11(3), 425-445.

FERREIRA, C.; SILVA, M. A. **Desempenho financeiro de curto prazo no setor brasileiro de telecomunicações**. Revista Pretexto, v. 12, n. 4, 2011

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008

QUINN, R. E.; CAMERON K. Organizational life cycles and shifting criteria of. 1983.

MEYER, P. A.; PIFER, H. W. Prediction of bank failures. *The Journal of Finance*, v. 25, n. 4, p. 853-868, Sep., 1970.

MIRANDA, V. L.. **Impacto da adoção das IFRS (International Financial Reporting Standards) em indicadores econômico-financeiros de bancos de alguns países da União Européia**. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 2008.

MILLER, D., FRIESEN, P. "A Longitudinal Study of the Corporate Life Cycle", *Management Science*, v. 30, n. 10, p. 1161-1183, 1984.

MILLER, D.; FRIESEN, P. Archetypes of Organizational Transition. *Administrative Science Quarterly*, v. 25, n. 2, p. 268–299, jun. 1980.

Necyk, G. A. (2008). **O desenvolvimento da contabilidade gerencial nas empresas: uma perspectiva de ciclo de vida** (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Pinheiro, M. A. H. (2008). **Cooperativas de crédito: história da evolução normativa no Brasil**. Brasília: BCB.

RESENDE L. L. **Análise do desempenho econômico-financeiro: um estudo ex ante e ex post diante da fusão itaú Unibanco**, 2012. Mestrado - Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis. Belo Horizonte, 2012;

RICCIARDI, L.; LEMOS, R. J. **Cooperativa, a empresa do século XXI**. São Paulo: LTr, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto de Souza. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999

SALES, J. E. **Cooperativismo: Origens e Evolução**. *Revista Brasileira de Gestão e Engenharia*, n. 1, p. 23-34, 2010.

SANTOS, J. C. de L. **Os 25 anos da retomada do Cooperativismo de Crédito Brasileiro**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005

SANTOS, M. R.; CODA, R.; MAZZALI, L. Clima organizacional e desempenho financeiro. **Revista Universo Contábil**, v. 6, n. 2, p. 27-46, abr./jun., 2010.

Silva Filho, G. T. (2002). **Avaliação de desempenho em cooperativas de crédito: uma aplicação do modelo de gestão econômica–GECON**. Organizações Rurais & Agroindustriais.

SOARES, M. M.; MELO SOBRINHO, A. D. **Microfinanças: o papel do Banco Central do Brasil e a importância do cooperativismo de crédito**. Brasília: BCB, 2007

SCHIMMELFENIG, C. Cooperativismo de crédito: uma tendência. **Revista de Administração e Ciências Contábeis do IDEAU**, v. 5, n. 10, 2010.

SCHARDONG, A. **Cooperativa de crédito: instrumento de organização econômica da sociedade**. 2 ed. Porto Alegre: Rigel, 2003.

VILELA, D. L., NAGANO, M. S., & MERLO, E. M. (2007). **Aplicação da análise envoltória de dados em cooperativas de crédito rural**. Revista de Administração Contemporânea, 11(SPE2), 99-120.

<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/principios.asp>. Acesso em 10 de maio de 2016.

[http://www.peaunesp.com.br/ano\\_inter/ano\\_cooperativa/os\\_principios\\_da\\_alianca\\_cooperativa\\_internacional.pdf](http://www.peaunesp.com.br/ano_inter/ano_cooperativa/os_principios_da_alianca_cooperativa_internacional.pdf). Acesso em 13 de maio de 2016.

<https://www.bcb.gov.br/htms/notecon2-p.asp>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

YAN, Z; ZHAO, Y. A New Methodology of Measuring Corporate Life-cycle Stages. *International Journal of Economic Perspectives*, v. 4, n. 4, 2010.

YUNUS, M.; JOLIS, A. **O banqueiro dos pobres**. São Paulo: Ática, 2005



**ANEXOS**

**ANEXO 1: AMOSTRA DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO RETIRADAS DO RANKING DO BACEN 2014**

<b>COOPERATIVAS</b>
SICOOB CREDICITRUS
VIACREDI
SICOOB COCRED
SICREDI OURO VERDE MT
CREDICOAMO
SICREDI UNIAO PR/SP
SICREDI PIONEIRA RS
SICCOB CREDICOM
SICREDI VANGUARDA PR/SP
SICREDI CELEIRO DO MT
SICREDI REGIÃO DOS VALES RS
UNIPRIME NORTE DO PARANÁ
SICREDI SERRANA RS
SICCOB MAXICRÉDITO
SICREDI REGIÃO CENTRO RS
SICREDI CENTRO-SUL MS
SICCOB COOPECREDI
SICREDI NORTE RS/SC
SICCOB LESTE CAPIXABA
UNICRED FLORIANÓPOLIS
UNICRED JOÃO PESSOA
SICREDI PAMPA GAUCHO RS
SICCOB SÃO MIGUEL
SICCOB SUL SERRANO
SICREDI OURO BRANCO RS
SICREDI ALTOS DA SERRA RS
SICREDI IBIRAIARAS RS
SICREDI VALE DO TAQUARI RS
SICREDI FRONTEIRA PR/SC
SICREDI SUDOESTE MT
SICREDE NORTE MT
SICREDI CENTRO SERRA RS
SICREDI DAS CULTURAS RS
SICREDI SUL MT
SICOOB CREDI RURAL
SICREDI ZONA SUL RS
SICREDI BOTUCARAI
SICREDI UNIAO METROPOLITANA RS
SICREDI RIO RJ
SICREDI IGUAÇU PA/SC

Fonte: Bacen (2014)